

Teorizar o emocional: antropologia e emoção no cruzamento entre a violência e a política¹

Theorizing the emotional: anthropology and emotion at the intersection of violence and politics

Maria Claudia Coelho

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Mariana Sirimarco

Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina

RESUMO

A história da constituição das emoções como um objeto das Ciências Sociais é atravessada por um desafio: sua associação, pelo senso comum ocidental, ao polo “excluído” de suas oposições fundadoras. É assim em sua vinculação ao indivíduo (versus a sociedade) ou à natureza (versus a cultura). Essa associação se desdobrou também, no início da formação do campo, em uma inclinação pela formulação de objetos de estudo vinculados à “vida privada” – o corpo, a sexualidade, a saúde/doença. Nas últimas décadas, o campo da Antropologia das Emoções apresentou um conjunto de novas questões voltadas para a compreensão do lugar dos sentimentos, das sensibilidades e das emoções na chamada “vida pública”. Este dossiê aprofunda o debate sobre a emoção como ferramenta de análise em áreas de pesquisa ligadas a essa esfera, como o ativismo, as políticas públicas – ambientais, humanitárias, de saúde – e as burocracias penais e judiciais. O foco está nessa linha temática, com especial atenção para o trabalho pontual das emoções em fenômenos situados no cruzamento entre a(s) violência(s) e o político, de modo a analisar o potencial do emotivo na administração de identidades, memórias, significados e relações que são tanto políticas como institucionais no contexto de diversos grupos e áreas de pesquisa.

Palavras-chave: Antropologia, Emoção, Violência, Política.

¹ A organização deste dossiê foi realizada no âmbito das atividades do projeto “Cultura, Subjetividade e Emoções” (2018-2024), apoiado pelo Programa de Internacionalização da CAPES (CAPES-PRINT) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.



ABSTRACT

The history of the constitution of emotions as an object of Social Sciences is permeated by a challenge: its association in Western common sense with the excluded extremity of their founding oppositions. This challenge can be recognized in the connections between emotions and the individual (versus society) and emotions and nature (versus culture). This association has also impacted the initial choice of objects, which was marked by a tendency to the formulation of objects related to “private life” – the body, sexuality, health/sickness. In the last decades the Anthropology of Emotions has presented a set of new issues devoted to understanding feelings’, sensibilities’ and emotions’ place in the so-called “public life”. This dossier approaches debates on emotions as an analytical tool in field research connected to it, such as activism, public policies on environmental, humanitarian and health problems and legal bureaucracies. It pursues this intent through focusing on these thematic issues and devoting then special attention to the role played by emotions in phenomena which are situated at the intersection between violence(s) and politics. Its aim is to analyze the emotional dimension’s potential in the managing of identities, memories, meanings and relations which are both political and institutional in several groups and research areas’ contexts.

Keywords: Anthropology, Emotion, Violence, Politics.

APRESENTAÇÃO

O campo da Antropologia das Emoções é constituído na cena norte-americana nos anos 1980 com os trabalhos seminais de Michelle Rosaldo (1984), Lila Abu-Lughod (1986) e Catherine Lutz (1988). Embora a abordagem das emoções nas ciências sociais esteja presente em trabalhos pioneiros (Mauss, 1921; Malinowski, 1926; Bateson, 1936), é nessa época que tem início seu esboço sistemático como um campo em disputa com outras ciências (a biologia, a psicologia), em um esforço para se definir a partir daquilo que a emoção não era – nem da ordem da natureza, nem universal, nem individual, nem irracional, nem subjetiva. São dessa época os estudos que advogam em favor do caráter culturalmente construído das emoções, com sentimentos específicos sendo tomados como objetos de reflexão.

Pouco tempo depois, essa ênfase na “construção cultural das emoções” cede lugar à atenção para com o trabalho político realizado pelas emoções. Com base no conceito de discurso de Michel Foucault, Lutz e Abu-Lughod (1990) cunham a expressão “micropolítica das emoções” para designar a dimensão de poder que atravessaria todos os discursos emocionais e sobre as

emoções. À perspectiva teórica sobre as emoções baseada nessa noção, as autoras chamam “contextualismo” – a visão de que as emoções dizem respeito ao contexto de interlocução, dramatizando, reforçando ou alterando as macro-relações de hierarquia, autoridade e poder no seio das quais são suscitadas.

Segundo Lutz (1990), o poder se faz acompanhar de dois outros elementos centrais para a compreensão da percepção ocidental das emoções (a “etnopsicologia” ocidental): o gênero e o controle. Ao feminino está associado o descontrole emocional, e por isso o feminino é vulnerável e perigoso; ao masculino vincula-se o controle emocional, e derivaria daí sua posição de dominação.

Esse arcabouço conceitual molda o campo da Antropologia das Emoções no Brasil, sendo mobilizado na obra de Mauro Koury – pioneiro dos estudos sobre a Antropologia das Emoções no Brasil, com a fundação, em 1994, do Grupo de Pesquisa em Sociologia e Antropologia das Emoções (GREM), vinculado à Universidade Federal da Paraíba (UFPB) – e de Claudia Barcellos Rezende e Maria Claudia Coelho – fundadoras da linha de pesquisa “Cultura, Subjetividade e Emoções” no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) em 1999.

Talvez porque a análise antropológica das emoções tenha sido, desde suas origens, atravessada por dicotomias, sua legitimidade foi a princípio mais facilmente reconhecida – em um campo novo e muitas vezes questionado – em temáticas vinculadas ao sofrimento, à morte ou à saúde. Ou seja: em abordagens em que a inclusão da dimensão emocional era mais nítida. Esse traço da constituição do campo reforçou antigas dicotomias: de um lado, a razão, o público, o político, o coletivo. De outro, a emoção, o íntimo, o privado, o individual. O mesmo se pode dizer dos estudos no Brasil, que, em um primeiro momento, abordaram temas pertencentes àquilo que em outros lugares chamamos de “esfera privada” – a sexualidade, o corpo, a saúde/doença – para, em seguida, começar a construir objetos de pesquisa a partir de fenômenos da “vida pública” – política, movimentos sociais, policiamento, violência, instituições, trabalho (Coelho; Durão, 2017).

Nos últimos 20 anos, vários pesquisadores brasileiros (e latino-americanos) se dedicaram a essa vertente que explora o trabalho das emoções na cena pública. Entre muitos exemplos, podemos citar os trabalhos de Jimeno (2010), Fernández Álvarez (2011), Zenobi (2010, 2013, 2014, 2020), Durão e Coelho (2012) e Siqueira e VÍctora (2017) sobre movimentos sociais; de Daich, Pita e Sirimarco (2007), Sirimarco (2010, 2014, 2015, 2017, 2022) e Durão (2013) sobre policiamento; de Jimeno (2004) e Coelho (2010) sobre violência; de Spivak L’Hoste (2010, 2014, 2016, 2017), Ferreira (2017) e Coelho e Bomeny (2022) sobre os mundos acadêmicos e do trabalho; de Oliveira (2018) sobre o exílio; e de Lombraña (2011, 2015), Coelho e Oliveira (2020) e Coelho e Beleli (2022) sobre a justiça e a política.

É nessa vertente que se insere a proposta deste dossiê, na intenção de aprofundar a contribuição a um campo de estudos que sublinha a importância de se dar atenção às emoções e aos sentimentos na análise da vida política e do funcionamento das instituições. Qual a diferença que o estudo das emoções pode fazer em nossas descrições de processos que ocorrem no espaço público? Por que a emoção importa, por exemplo, numa análise de políticas de estado? Como a atenção ao emocional ilumina nossa compreensão de movimentos sociais e ativismos? O que significa dizer que as relações de vulnerabilização e desigualdade estão atravessadas por sentimentos e emoções? Os artigos que compõem este dossiê sugerem algumas respostas.

O texto de abertura do dossiê – “Entre amor, vergonha e culpa: uma análise política das emoções no contexto familiar de homens trans”, de Anne Alencar Monteiro e Cecilia Anne McCallum – apresenta uma pesquisa desenvolvida em três cidades na Bahia e em Sergipe, voltada para a análise das experiências emocionais de mães de homens trans durante o processo de transição de gênero. As autoras começam examinando os sentimentos de vergonha e culpa – presentes nas primeiras etapas do processo – à luz da produção social de hierarquias de gênero, estigmatizações e desigualdades. Em seguida, o foco da análise é deslocado para o coletivo Mães do Arco-íris e para o modo como o amor é transformado em uma estratégia de mobilização política e posicionamento público frente aos sentidos hegemônicos do gênero e da sexualidade. Na passagem analítica da vergonha para o amor, o que está em jogo, como nos mostram as autoras, é o potencial político das emoções para questionar e desafiar discursos de poder.

Renata Barbosa Lacerda, em seu artigo “Patriotas da BR-163: ressentimentos, nostalgia e a humilhação da lei na fronteira”, examina os afetos mobilizados por comunidades imaginadas em situações de confrontos políticos. Seu trabalho de campo é realizado junto a habitantes da região da rodovia BR-163, no Pará. Os confrontos se dão entre esses habitantes – produtores rurais, garimpeiros, madeireiros, entre outros – e as políticas de preservação ambiental. A constelação afetiva examinada integra diversos sentimentos associados a momentos distintos das trajetórias daqueles que se autodefinem como “colonos” ou “pioneiros”: a coragem necessária para desbravar, a humildade e a raiva diante de formas variadas daquilo que sentem como “abandono”, a humilhação pela sujeição a dispositivos legais entendidos como “injustos” e, como que produzindo uma liga entre eles, o ressentimento e a nostalgia. A autora finaliza sugerindo que ressentimento e nostalgia seriam uma chave explicativa para a adesão do grupo pesquisado à extrema direita.

No terceiro artigo deste dossiê, intitulado “Onde impera o medo: socioeducação, violência e afetos hostis no Rio de Janeiro”, Clara Camatta, Laura Lowenkron e Fábio Mallart examinam os afetos hostis que organizam a experiência cotidiana de jovens internados em uma unidade de medidas socioeducativas. Com base em dados etnográficos e na organização de

oficinas por uma das autoras em uma unidade situada no Rio de Janeiro, os autores discutem o papel dos sentimentos de nojo provocados pelas condições de insalubridade a que são todos submetidos, agentes e jovens internados, na construção de suas (auto)imagens. Além do nojo, os autores examinam um outro afeto hostil: o medo, em sua tensão cotidiana com a *neurose*. Aqui, as teorias do rumor são acionadas para analisar a criação de um ambiente atravessado por um temor constante, alimentado por aquilo que, se nem sempre acontece, pode o tempo todo vir a acontecer.

Nathalia Antonucci, em seu artigo “‘Você no sabe o que es se sentir humilhada asi’: humilhação, afetos hostis e outras *regularidades afetivas* do governo do refúgio”, aborda o mundo das pessoas LGBTI+ refugiadas e migrantes no Rio de Janeiro. Com base em sua posição de gestora na ONG LGBTI+Movimento, a autora propõe uma reflexão a partir de um estudo de caso: aquele de uma mulher trans venezuelana que desempenha um duplo papel na ONG – refugiada e articuladora comunitária. Os resultados da análise se dão em dois planos concatenados. De um lado, estão as assimetrias de poder implícitas em toda relação humanitária, que estabelece uma política da solidariedade que troca compaixão por humildade. De outro, e em consequência disso, estão os sentimentos de humilhação ocultos pela lógica da solidariedade e da gratidão, e que evidenciam a política da desigualdade administrada, no caso estudado, pelos modelos de ajuda humanitária.

Em seu artigo “Compaixão, saúde e comunidade na esfera pública”, Lucas Faial Soneghet examina a literatura de várias áreas das Ciências Biomédicas procurando rastrear o lugar atribuído à compaixão em práticas e discursos de saúde, bem como a proposta terapêutica conhecida como “comunidade compassiva”. O artigo examina a relação entre compaixão e sofrimento no mundo público, em um esforço de reflexão sobre as implicações políticas do recurso à compaixão como estratégia de amenização do sofrimento alheio. Dialogando com Hannah Arendt sobre os riscos colocados pela compaixão se adotada na política, em particular para a justiça e a igualdade, o autor recorre àquilo a que chama de “o fato incontornável da interdependência” para nos provocar quanto ao papel da compaixão na construção de laços estáveis de confiança, capazes de alargar as fronteiras da comunidade política.

Finalmente, Isadora Vianna Sento-Sé e Eduardo Oliveira, no artigo “Entre a provocação injusta e a violenta emoção: a produção de gênero nos júris populares de feminicídio”, discutem o papel das emoções nos discursos de operadores do direito enunciados em julgamentos de feminicídio. Acionando a já clássica associação proposta por Catherine Lutz entre, de um lado, o feminino e o descontrole emocional e, de outro, o masculino e a racionalidade, os autores abordam emoções tais quais o medo, a humilhação e a raiva, para examinar a forma como vítimas e agressores são descritos, em tribunais de júri no Rio de Janeiro, no que diz respeito a suas emoções relacionadas ao feminicídio em julgamento. O ponto central é a atribuição de

“descontrole momentâneo” aos agressores. Para os autores, esse artifício retórico individualizaria os atos perpetrados, obscurecendo a existência tanto de uma estrutura social que produziria essa forma de violência quanto sua natureza constitutiva das relações de gênero.

Todos os artigos evidenciam, em maior ou menor medida, a tríade emoção/violência/política, empregando conceitos e dados empíricos para refletir sobre a capacidade do emocional de construir e dramatizar a experiência das violências no jogo da interação institucional e política. Nesse jogo de nos revelar o uso político do emocional, os artigos nos mostram também um conjunto de questões. Delas, destacamos duas como forma de propor desdobramentos analíticos.

A primeira questão é antiga, mas nem por isso está resolvida. De fato, a análise da emoção no mundo público não faz mais do que atualizá-la. Já havíamos assinalado esse ponto anteriormente: como a interação na cena política desafia as distinções naturalizadas em torno das categorias e hierarquias de gênero? Os casos discutidos nos colocam diante de mulheres, homens e pessoas trans na relação sempre complexa entre identidades e contextos de vulnerabilização e desigualdade. Se esse sentimento – como Leavitt (1996) já sugerira pioneiramente – se transforma numa *performance* comunicativa que não apenas envolve modos de sentir, mas também orienta modos de agir, qual é o papel que a emoção é chamada a desempenhar na manutenção e na disputa de posições políticas e coletivas que perpassam as lutas no espaço público? Como gênero e emoção se co-constroem nesse campo? Essas perguntas sugerem um novo ângulo de investigação: aquele capaz de articular a força combinada do gênero e da emoção na produção do ativismo e das políticas públicas.

O conjunto de artigos nos conduzem ainda a uma outra pergunta. Não é por acaso que as emoções analisadas se situam, majoritariamente, na gama daquilo que Díaz-Benítez, Gadelha e Rangel (2021) chamariam de “emoções hostis”. A vergonha, a culpa, a humilhação, o medo e a raiva – entre outros sentimentos – desfilam pelas páginas desses textos. Se a emoção é dotada da virtude de operar como uma lente analítica, o que esses sentimentos amplificam nas tramas políticas em que aparecem? O que essas emoções nos dizem sobre as interações predominantes no espaço público? Ou, para deixar mais claro esse vínculo, qual é o contexto estatal e político – quais os modos de se relacionar, quais os modos de agir, quais os consensos sociais – capaz de produzir esses movimentos e essas emoções? Os textos reunidos se detêm nessas emoções “negativas”, mas também abrem espaço para a análise do amor, da compaixão, da coragem. Talvez esse contraponto, que nos permite complexificar a pergunta anterior, não se dê por acaso: qual é o contexto estatal e político capaz de produzir desigualdades e violências, mas também quais são as formas de enfrentá-las? Que jogo sofisticado entre o “hostil” e o “amistoso” entretém a dimensão emotiva da ordem social? E ainda: com qual linguagem emotiva *se fala* a denúncia, com qual linguagem se desafia, com qual linguagem se impulsiona a ação política?

Os artigos aqui reunidos não analisam a emoção como uma questão em si mesma: antes, interrogam a partir dela diversas dimensões da vida pública. Nesse sentido, fazem uma convocação: prestar atenção na linguagem emotiva com que *se fala*, se desafia e se impulsiona a ação política.

REFERÊNCIAS

1. ABU-LUGHOD, Lila. **Veiled Sentiments**. London: University of California Press, 1986.
2. BATESON, Gregory. **Naven**. California: Stanford University Press, 1936.
3. COELHO, Maria Claudia. Narrativas da Violência: a dimensão micropolítica das emoções. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 265-285, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/VqyC83wMK9HFPLFVLfHH5Vvk/>
4. COELHO, Maria Claudia; BELELI, Iara (org.). **Emotions and Public Policies**. Lisboa: Etnográfica Press, 2022.
5. COELHO, Maria Claudia; BOMENY, Helena. The Researchers in the Maelstrom: scientific evaluation policies and emotional grammars. *In*: COELHO, Maria Claudia; BELELI, Iara (org.). **Emotions and Public Policies**. Lisboa: Etnográfica Press, 2022. p. 25-55.
6. COELHO, Maria Claudia; DURÃO, Susana. Introdução ou como fazer coisas com emoções. **Interseções – Revista de Estudos Interdisciplinares**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 44-60, 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/intersecoes/article/view/30337/21366>. Acesso em: 15 out. 2024.
7. COELHO, Maria Claudia; OLIVEIRA, Eduardo. Reflexões sobre o Tempo e as Emoções na Antropologia: definições, práticas e políticas. **Sociologia e Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 1087-1100, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sant/a/MNvKMnJzP9T6XhsNMgyT5td/>. Acesso em: 15 out. 2024.
8. DAICH, Deborah, PITA, María Victoria; SIRIMARCO, Mariana. Configuración de territorios de violencia y control policial: corporalidades, emociones y relaciones sociales. **Cuadernos de Antropología Social**, Buenos Aires, v. 25, p. 71-88, 2007. Disponível em: <http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/cas/article/view/4379>.
9. DÍAZ BENITEZ, María Elvia; GADELHA, Kaciano; RANGEL, Everton. Apresentação do Dossiê “Nojo, humilhação e desprezo: Uma antropologia das emoções hostis e da hierarquia social”. **Anuário Antropológico**, Brasília, v. 46, n. 3, p. 10-29, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/>

view/47801. Acesso em: 15 out. 2024.

10. DURÃO, Susana; COELHO, Maria Claudia. Moral e emoção nos movimentos culturais: Estudo da “tecnologia social” do Grupo Cultural AfroReggae. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 55, n. 2, p. 899-935, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/59304>. Acesso em: 15 out. 2024.
11. DURÃO, Susana. Silenciamentos subtis. Atendimento policial, cidadania e justiça em casos de vítimas de violência doméstica. **Análise Social**, Lisboa, v. 48, n. 209, p. 878-899, 2013. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/analisesocial/article/view/23342>. Acesso em: 15 out. 2024.
12. FERNANDEZ ALVAREZ, María Inés. Como si me hubieran dado un puñal”. Las emociones como prácticas políticas colectivas. In: GRIMBERG, Marbel; MACEDO, Marcelo Hernández; MANZANO, Virginia. (ed.). **Etnografía de las tramas políticas colectivas: Estudios en Argentina y Brasil**. Buenos Aires: Antropofagia, 2011. p. 23-48.
13. FERREIRA, Vinicius Kauê. Moving Futures: Anthropological Reflections on Academic Mobility and Precarious Life amongst South Asian Social Scientists in Europe. **Indian Anthropologist**, [s. l.], v. 47, n. 1, p. 51-68, 2017. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/26494015>. Acesso em: 15 out. 2024.
14. JIMENO, Myriam. **Crimen pasional – contribución a uma antropologia de las emociones**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2004.
15. JIMENO, Myriam. Emoções e política: A vítima e a construção de comunidades emocionais. **Mana**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 99-121, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/SMN3cswqWqqj9vMHdn4sNrr/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 out. 2024.
16. LEAVITT, John. Meaning and feeling in the Anthropology of Emotions. **American Ethnologist**, [s. l.], v. 23, n. 3, p. 514-539. 1996. Disponível em: <https://anthrosource.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1525/ae.1996.23.3.02a00040>.
17. LOMBRAÑA, Andrea. El discurso jurídico de la emoción y las prácticas jurídicas de “perdón”: un análisis de caso. **Kula**, [s. l.], n. 4, p. 6-20, 2011. Disponível em: <https://ri.conicet.gov.ar/handle/11336/192167>. Acesso em: 15 out. 2024.
18. LOMBRAÑA, Andrea. El caso de Luis: Moralidades, emociones y dispositivo penal de “perdón”. **Dilemas - Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 329-356, 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5638/563865501006.pdf>. Acesso em: 15 out. 2024.
19. LUTZ, Catherine. **Unnatural Emotions - Everyday Sentiments on a Micronesian Atoll & Their Challenge to Western Theory**. Chicago: The University of Chicago Press, 1988.
20. LUTZ, Catherine. Engendered emotion: gender, power, and the rhetoric of emotional control in American discourse. In: LUTZ, Catherine; ABU-LUGHOD, Lila. (org.).

- Language and the Politics of Emotion.** New York: Cambridge University Press, 1990. p. 69-91.
21. LUTZ, Catherine; ABU-LUGHOD, Lila. Introduction: emotion, discourse, and the politics of everyday life. *In*: LUTZ, Catherine; ABU-LUGHOD, Lila. (org.). **Language and the Politics of Emotion.** New York: Cambridge University Press, 1990. p. 1-23.
 22. MAUSS, Marcel. L'expression obligatoire des sentiments. **Journal de psychologie**, [s. l.], v. 18, p. 425-434, 1921.
 23. MALINOWSKI, Bronislaw. **Crime and custom in savage society.** New York: Harcourt, Brace & Company, 1926.
 24. OLIVEIRA, Eduardo Moura Pereira. **A nostalgia em tempos de exílio: as gramáticas emocionais do reencontro no romance As Brasas (1942).** 2018. 172 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
 25. ROSALDO, Michelle. Toward an Anthropology of Self and Feeling. *In*: SHWEDER, Richard; LEVINE, Robert (org.). **Culture Theory - Essays on Mind, Self, and Emotion.** Cambridge: Cambridge University Press, 1984. p. 137-157.
 26. SIQUEIRA, Monalisa Dias; VÍCTORA, Ceres Gomes. O corpo no espaço público: emoções e processos reivindicatórios no contexto da “Tragédia de Santa Maria”. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, v. 25, p. 166-190, 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/SexualidadSaludySociedad/article/view/27308>. Acesso em: 15 out. 2024.
 27. SIRIMARCO, Mariana. Memorias policiales. Narrativas de emotividad. **Publicar-En Antropología y Ciencias Sociales**, [s. l.], v. VIII, n. IX, p. 127-143, 2010. Disponível em: <https://ri.conicet.gov.ar/handle/11336/199908>. Acesso em: 15 out. 2024.
 28. SIRIMARCO, Mariana. La cosa y la palabra. Relato y emocionalidad en un museo policial. **Revista del Museo de Antropología**, Córdoba, v. 7, n.1, p. 177-188, 2014. Disponível em: <https://revistas.unc.edu.ar/index.php/antropologia/article/view/9104/9953>. Acesso em: 15 out. 2024.
 29. SIRIMARCO, Mariana. Chonino: la conversión de una historia en narrativa. Relato y emoción en el ámbito policial argentino. **Revista Anthropos**, [s. l.], v. 110, n. 2, p. 383-396, 2015. Disponível em: <https://www.nomos-elibrary.de/10.5771/0257-9774-2015-2/anthropos-volume-110-2015-issue-2>. Acesso em: 15 out. 2024.
 30. SIRIMARCO, Mariana. El ‘vigilante de la esquina’. El rol de la nostalgia en la construcción de relatos policiales argentinos. **Antropologia Portuguesa**, Coimbra, v. 34, p. 29-49, 2017. Disponível em: https://impactum-journals.uc.pt/antropologiaportuguesa/article/view/_34_2. Acesso em: 15 out. 2024.
 31. SIRIMARCO, Mariana. La trama institucional del miedo. Violencia (sexual) policial

- contra mujeres policías. **Revista de Antropología Social**, Madrid, v. 31, n. 1, p. 117-127, 2022. Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/RASO/article/view/81081>. Acesso em: 15 out. 2024.
32. SPIVAK L'HOSTE, Ana. **El Balseiro**. Memoria y emotividad en una institución científica argentina. La Plata: Editorial Al Margen, 2010.
33. SPIVAK L'HOSTE, Ana. De vocación (des) ánimos y honores: emoción y trayectorias en ciencia. **Eä - Revista en Salud, Sociedad, Ciencia y Tecnología**, Godoy Cruz, v. 6, n. 2, p. 77-94, 2014. Disponível em: <https://ri.conicet.gov.ar/handle/11336/46528>. Acesso em: 15 out. 2024.
34. SPIVAK L'HOSTE, Ana. Cuando diez años parecen más que una década: nostalgia y orgullo en dos conmemoraciones de un instituto argentino de formación científica. **Antipoda. Revista de Antropología y Arqueología**, Santiago, n. 26, p. 93-11, 2016. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1900-54072016000300005. Acesso em: 15 out. 2024.
35. SPIVAK L'HOSTE, Ana. Trajetórias e emoção em uma instituição tecnocientífica argentina. **Interseções – Revista de Estudos Interdisciplinares**, Rio de Janeiro, v. 19 n. 1, p. 188-208, 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/intersecoes/article/view/30401/21373>. Acesso em: 15 out. 2024.
36. ZENOBI, Diego. Los familiares de víctimas de Cromañón, en la encrucijada del “dolor”: Emociones, relaciones sociales y contextos locales. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, João Pessoa, v. 9, n. 26, p. 581-628, 2010. Disponível em: <https://ri.conicet.gov.ar/handle/11336/34734>. Acesso em: 15 out. 2024.
37. ZENOBI, Diego. Del “dolor” a los “desbordes violentos”. Un análisis etnográfico de las emociones en el movimiento Cromañón. **Intersecciones en Antropología**, Buenos Aires, v. 14, n. 2, p. 353-365, 2013. Disponível em: https://www.scielo.org.ar/scielo.php?pid=S1850-373X2013000200005&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 15 out. 2024.
38. ZENOBI, Diego. **Familia, política y emociones** – las víctimas de Cromañón entre el movimiento y el Estado. Buenos Aires: Antropofagia, 2014.
39. ZENOBI, Diego. Antropología política de las emociones: las movilizaciones de víctimas en América Latina. **The Journal of Latin American and Caribbean Anthropology**, [s. l.], v. 25, n. 1, p. 123-144, 2020. Disponível em <https://anthrosource.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/jlca.12446>. Acesso em: 15 out. 2024.

Maria Claudia Coelho

Professora do Departamento de Antropologia do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutora em Sociologia pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3885-5429>. Colaboração: Seleção e sistematização de

artigos, Redação da apresentação, Revisão. E-mail: mccoelho@bighost.com.br

Mariana Sirimarco

Investigadora Independente pelo Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas. Doutora em Antropología Social pela Universidad de Buenos Aires. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3074-1435>. Colaboração: Seleção e sistematização de artigos, Redação da apresentação, Revisão. E-mail: maikenas@yahoo.com.ar